LISBOA — QUINTA-FEIRA, 30 DE JUNHO DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 73 — 10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1.º
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

EM terras que não são de Portugal mas que a Portugal pertencem estão sendo sacudidas pela agonia brutal da fome, milhares de criaturas que um destino torvo conduziu ao mais pavoroso dos suplicios.

Sobre o arquipelago de Cabo Verde parece ter desabado a colera de todos os deuses.

O que ali se está passando comoveria os corações mais refractorios a sentimentos afectivos se este paiz de desprendimento e indiferença conhecesse por miudos, a tortura que revolve as entranhas dos infortunados famintos.

Um amigo do *Diario de Lisboa* recebeu de pessoa de sua intimidade, uma carta sensibilisadora, na qual se descreve o martirio daqueles infelizes que por viverem sob a nossa bandeira, deveriamos tratar com carinho de irmãos. Dessa carta, estendal de miserias, que não profundariamos se isso não fosse indispensavel para excitar a compaixão embotada dos mortais, trasladamos os periodos que seguem:

«E' uma dor de alma o que está acontecendo. Por toda a parte esqueletos ambulantes suplicam uma esmola. Pela porta do meu escritorio passam constantemente esquifes, conduzindo cadaveres de famintos, para o cemiterio.

Há 70 ou 80 homens encarregados de transportar os infelizes que caem pelos caminhos, uns, ainda vivos, para o hospital, outros, já fulminados, para o cemiterio. Um verdadeiro horror! Cada dia morre mais gente de fome».

A eloquencia destes periodos é tão esmagadora, como o flagelo que aflige os caboverdianos.

Há muito tempo que em Portugal se escreve e se diz que Cabo Verde tem fome. A frase já é mesmo, uma frase feita.

Mas como nem toda a imprensa abordou o assunto com a insistencia e a energia indispensaveis para despertar na alma portuguesa uma piedade capaz de desentranhar-se em actos de caridade nobre e produtiva, em Cabo Verde continua a haver fome, continuam tombando pelas ruas, feridos de morte, centenares de indigenas por não terem sequer um naco de pão.

Cuide o governo a serio da tragedia que se está desenrolando a cinco dias de Lisboa.

Tratemos todos nós, na medida das nossas forças de amordaçar o mal, inutilisando a sua acção destruidora.

A fome não se mata com subscrições nem com festanças, pseudo-caritativas.

Cabo Verde não precisa de dinheiro. Cabo Verde precisa de comer.

* * *

ALGUNS dos jornais que com mais afinco proclamam a necessidade de se resolver urgentemente a crise vinicola do Douro, fazem com o mesmo entusiasmo, nas suas colunas a campanha anti-alcoolica.

A não ser que se pretenda curar o Douro pelo sistema do «similia similibus curantur», trata-se duma «gaffe» que muito deve influir na importancia das proximas vindimas.

JORNAIS SEM TITULO

Usa uma parte da imprensa da capital a manha capciosa de nunca se referir aos seus colegas, citando-lhes o titulo, não só quando com êles discutem, mas ainda mesmo quando se aproveitam das suas informações ou se nutrem com as transcrições que dêles fazem.

Como prova de camaradagem, não conhecemos nada mais demonstrativo.

Os jornais que geralmente se servem de um palavreado rotundo, amplificado e solene, quando incitam o povo em geral ou as classes em particular a unir-se no culto pela Patria, nunca se esquecendo que todos os interêsses são passageiros perante o nome eterno da nossa terra, — os jornais dão ao povo em geral e ás classes em particular o espectáculo educativo de se estimarem tanto uns aos outros, que nem ousam chamar-se pelo seu proprio nome.

O «Diario de Lisboa» que, sob este ponto de vista, muito deve em gentilezas a alguns colegas que não receiam ser bem educados, não pode deixar de lastimar que outros hajam praticado para com êle um sistema de referencias e designações em que se adivinha um propósito de molestar e ofender. Escusado será dizer que não abordamos êste assunto chorosamente, como se quizessemos significar que nos vem daí qualquer prejuizo ou desgôsto. O caso é muito diferente. Trata-se duma prática que reputariamos odiosa, se não fôra ridicula.

Certamente, quando qualquer dos nossos grandes diarios se dispensa de ser amavel com os outros seus colegas, não o nomeando, mas designando-o, por uma perifrase, inventada pelo genio de Bertoldo, pretende provavelmente defender-se da terrivel concorrencia, não vá êle suscitar um adversario que o possa incomodar.

Talvez esta pretensão se inspire em razões de boa prudencia, mas, desde que são principalmente «O Seculo» e o «Diario de Noticias» que mais se esmeram em fingir que só se conhecem a si proprios, parece que nada havia a recear, visto que as suas tiragens se acham muito acima de qualquer competencia.

Que podem êles perder, evitando que as suas colunas se transformem num deserto em que só se ouça a voz do egoismo e do terror de morrer?

Pelo contrário, até devem ganhar pelo menos o que sempre lucra quem deixa de viver em desconfiança e suspeitas noturnas para, de rosto franco e alma aberta, criar, em tôrno de si, uma atmosfera de perfeita simpatia. Sempre «A Epoca», o «Mundo», o «Correio da Manhã», «A Batalha», «A Republica», «A Monarquia» seguiram a decentissima norma de serem solidarios comnosco em questões de cortezia, tratando-nos pelo nosso nome, como nós fazemos e faremos.

Há, por acaso, maneira mais antipática que esta — «uma folha da manhã», «um jornal da tarde», — quando se trata de diarios que toda a gente conhece, inclusive os grandes paquidermes que se sentem afrontados com a sua existencia?

Cada paiz tem a imprensa que merece. A nossa, desgraçadamente, não prima por um alto sentimento das suas responsabilidades.

Podendo ser uma fôrça de orientação, a primeira voz exemplar das aspirações de um povo, vive, biliosa e atrabiliaria, presa a manias e prejuizos, tornando-se a liberdade que reclama para si uma corrente que a subjuga e encadeia.

O ESPIRITO ALEMÃO

(Do «Simplicissimus»)

— Filhos, cantai, antes que os francezes nos arranquem as guelas.

O MONUMENTO ao marquês de Pombal continua em marcha, para o Desconhecido. Parece que será deslocado da Rotunda, onde se reduz, por emquanto, a um tapume que oculta um andaime ou coisa parecida, para o Parque Eduardo VII, que é já uma das grandes esperanças do anos 3000.

Com esta mudança, far-se-há uma larga economia, no custeio dos alicerces.

A estatua do egregio e truculento marquês, entrará assim na lista dos artigos que baixam de preço. Bem sabemos que estas coisas não são de grande monta para um homem que gosa da imortalidade há bastante tempo.

Ainda assim, talvez não fosse mau assentar-se de vez, no local em que há de erguer-se uma estatua que parece consumir-se inopinadamente, se alguem pensa a serio em a colocar no seu pedestal, como um desafio ás paixões da gente meliflua.

* * *

RECEBEMOS, em folhetos, a lição que o professor ordinario da Faculdade de Medicina de Coimbra, sr. Lopo de Carvalho, filho, proferiu no anfiteatro da Faculdade de Medicina, em 16 de Fevereiro de 1921. Intitula-se «Extrasistoles e taquicardia paroxistica. Suas relações. Considerações sobre um caso clinico».

* * *

PARA se poder ser aspirante a deputado é necessario conseguir a assinatura de dez eleitores.

Pois há quem tenha tido dificuldades em encontrar um tão importante numero de amigos politicos.

* * *

NOS dias 23, 24 e 25 de Julho realisa-se em Lisboa o congresso das juntas de paroquia do paiz.

* * *

UMA comissão delegada da Associação de Proprietarios de Hoteis e Restaurantes procurou hoje o sr. ministro das Finanças a quem pediu a remodelação do regulamento do selo da assistencia, alegando que aquela instituição de caridade não recebe um centavo dessa receita, desde Maio do ano passado.

A referida associação não disse ao sr. ministro das Finanças que estava disposta a baixar os preços de diaria e de lista...

* * *

O SR. dr. Antonio Granjo, ministro do Comercio, que até á data ainda não teve tempo para instalar a Comissão de estudos de exportações, criada pelo sr. dr. Antonio Fonseca, segundo informações que recebemos, corre no Porto que se solidarisou com as reclamações do Douro—o que levanta, entre ele e o governo de que faz parte, um desentendimento que há de ser fecundo em surprezas.

TEATROS

Em Paris

Um incitamento da França aos autores teatrais belgas.—Por iniciativa do ilustre comediografo Robert de Flers, presidente da Sociedade dos Autores Dramaticos, esta colectividade resolveu instituir um premio de 5.000 francos que será distribuido de dois em dois anos ao autor belga que durante esse espaço de tempo escrever em lingua francesa o trabalho teatral julgado o mais perfeito.

O premio será concedido pela primeira vez em Janeiro do ano proximo e corresponderá ao periodo 920-921.

Interrogado por um jornalista parisiense sobre a sua ideia, Robert de Flers declarou:

—O teatro francês deve aos escritores belgas muitas obras que o têm honrado e engrandecido. E' preciso pois incitar os autores belgas a contribuir para a sua expansão e prosperidade.

De futuro a fraternidade dos dois povos deve ser

Desenho de Bib

Robert de Flers

fortemente cimentada na emulação artistica que muito auxiliará a conquista do ideal comum.

No «Comédie Française».—«Le Paon», um dos bons trabalhos teatrais de Francis de Croisset, que há quinze anos se não representava, vai entrar em ensaios aturados, a fim de subir á scena em Deauville no proximo dia 9 de Agosto.

—Para o tri-centenario do nascimento de La Fontaine, que passa no dia 8 de Julho, está sendo ensaiada «La coupe enchantée».

—Por motivo da importancia dos preparativos necessarios para as festas do tri-centenario de Molière, o sr. Emile Fabre decidiu reduzir consideravelmente o numero de espectaculos oficiais que serão dados na proxima epoca.

No «Odéon».—A «matinée» que a companhia dos Jovens Comediantes realiza ámanhã vai revelar á França um autor belga que já alcançou ruidoso exito em Bruxellas e Anvers.

Trata-se do dr. Horace von Offel. A peça a que os jornais franceses preconisam tão grande sucesso é um drama em 4 actos intitulado «A Vitoria».

HOJE
NO
COLISEU DOS RECREIOS
Inaugura-se
O
Grande campeonato
Internacional
DE
LUCTA
COM
25 atletas 25
representando
11 nações 11
15:000 fr. de premios
O maior torneio de força!
O triunfo do musculo!

OS QUE ESCREVEM E OS QUE CRITICAM

Os novos e a critica

O que é e o que vale a critica em Portugal—A proposito do barulho que se fez á volta duma peça—Um plagio de ideias?

Corre aí, fora de duvida, certo vento de interesse por cousas de Arte, percebendo-se ser cada dia mais numerosa a grei dos que fazem a vida do espirito e mais brilhante a falange dos «novos», em cujos ensaios se vêm revelando decididas vocações para optimos cultores do Ideal.

Desta maneira, muito importaria que uma critica de competencias aproveitasse a monção para vincar idéas nitentes sobre o objectivo da criação artistica, assumindo a generosa tarefa de mentorisar o movimento, não venha êle a afogar-se á nascença na onda de anarquia idealista em que há bons anos vimos rolando, quando pode ser o inicio de uma época cultural de larga irradiação.

A' mingua de critica orientadora que lhe clareasse os horizontes, já aí se esvaneceram, em dispersões de energia, duas tentativas de renovação intelectual, a da «Renascença», do Porto, e a do Integralismo lusitano, ambas originariamente condenadas ao inexito, por se haverem recluido na angustura de escolas politicas ou filosoficas, sem campo liberrimo por onde o espirito avoeje em demanda de ideais.

O que se torna mister é pregoar aos «novos» que uma obra de Arte é acima de tudo um documento historico, de tal valor e tanto mais exacto, quanto maior fôr a soma de beleza que nele se admire. O artista é sempre historiador inconsciente da sua época. O retracto de um margrave alemão, pintado por Alberto Durer, não nos diz toda a vida palacega do senhor feudal. Não vêdes os torreões do seu castelo na altivez daquele porte, e nas tintas translucidas daquele rosto, não se lobriga a dureza de alma que impõe um jugo de ferro á legião dos seus servos de gleba?

Admirai na obra de Wilde, por exemplo, aquela bailarina Salomé de voluptuarios requebros, e dir-me-heis se a filha de Herodes, em sua expressão coreografica de ardente cascavel, não é bem a sintese de toda a vida semita, o supremo acumulador da sensualidade da sua raça.

Quem não viu aí uma cópia da «Dansa macabra» de Holbein ou reproduções de Zurbaran e Ribera?

Não há descrição bastante sugestiva de historiografo que nos faça sentir o opressivo terror mistico e religioso das respectivas épocas, como em algumas pinceladas de génio, no-lo dão aqueles artistas.

Com já notei, o repositorio de beleza adensado na obra de arte é que lhe dá o grau de valia como documento social e humano. Aquele que interiormente se sente desbordar da beleza emocional que da vida e da natureza se lhe transfiltra para a alma, êsse é Artista, e a sua obra repercutirá, em épicas imagens, a ansiedade, o nervosismo, toda a vertiginosa existencia do seu século.

Claro está que a mais bela criação artistica é sempre insuflada de um sôpro pensamental ou filosofico, de geito que o exemplar de beleza não redunde em frivolidade apenas curiosa a olhos, mas se humanise em verdadeira carne e espirito, a arripiar-se de gôso e dôr, porque só assim a Arte é inegavelmente criadora.

Excepiuado pequeno grupo de artistas, Puvis de Chavanne á frente, quasi todo o «Salon» de Paris vem sendo, desde longos anos, mera «étalage» de frias belezas sem alma, onde só há a discutir e apreciar processos de maravilhosa técnica.

Como obra bafejada por intuitos de ordem pensamental, basta citar-lhes Ibsen, imaginoso poeta que não se dedigna de debater os mais avantajados problemas sociais, por esta guisa pondo em sua obra a chancela da eterna dôr humana, que será bem a garantia da sua eterna gloria.

Estas verdades comesinhas e outras de semelhante condição, muito releva que uma critica de visualidades amplas não deixe de as preconisar aos quatro ventos, de sorte a fazer constar aos incipientes das letras e das artes, que êste oficio de plasticisar sentimentos e exteriorisar idéas não se limita a uma exibição brincalhotante de suas prendas, em familia consideradas deveras esperançosas, antes é missão de augustas responsabilidades, cuja realização só aos eleitos incumbe — aos eleitos que no seu interior distintamente ouvem o «ecce deus», precursor das sublimes inspirações artisticas!

* * *

Agora, o que é forçoso dizer se é que neste paiz não há critica. Por entre esta desarrumação geral em que de há longos anos nos vimos subvertendo e em que coisas e pessoas se acham desadaptadas da sua peculiar função, os que sobre matérias de Arte aí pontificam, no mór numero dos diários, vieram nesta barafunda a achar-se profissionais da critica, talvez com espanto de si próprios, como poderiam muito bem, e com mais justa razão, encontrar-se instalados em donos ou caixeiros de mercearia.

Oh! a critica em Portugal, meus caros! Em que hediondo e grosseiro mister se transmudou o generoso magistério nas mãos de fulanos em quem o miolo cerebral rarо abunda, e a cultura scientifica e artistica, em que deveram estribar-se, se resume miserandamente a um superficial verniz, com que, por habeis farfalhices, pretendem campar de eruditos!

Isto, pela banda da sua proficiencia e aptidões criteriosas, que olhando, por outra banda, o aspecto não menos ponderoso da sua idoneidade moral, bastas vezes heis de notar o sem-cerimonial com que êles zarguncham na pele do novel escritor de antipática independencia, que em publico lhe não faz contumélias, e os golpes de naifa com que mimoseiam outro, com quem, provável, tiveram seus dares e tomares.

Um exemplo recente da acção deletéria da critica, entre nós, é aquele artigo aí publicado há dias em que o seu autor afirma que duas passagens da peça «Zilda» lhe avocam reminiscencias de «Le phalene». Não é que o critico pretenda «insinuar a existencia de um plagio, porque não o há, quanto á forma», diz; e pelo que respeita á idéa, faz a sensacional descoberta que «a histeria de Zilda e de Thyra têm pontos de contacto». Parece que o critico não admite que a mesma doença, em criaturas diferentes, ofereça pontos de contacto ou até manifestações semelhantes. Terrivel teoria, que faria em cada doente um caso patologico novo.

Mas examinemos as duas passagens alvejadas na critica a que me reporto. Zilda, depois de violenta altercação, cái prostrada num sofá, presa de intensa crise nervosa. E' noite, rodeiam-na alguns intimos da casa; Zilda manda iluminar a verde, côr pacificadora, e logo os criados operam a transmutação.

Na peça de Bataille, Thyra, obedecendo a um plano friamente meditado, ordena aos criados que cerrem as portas e janelas do seu atelier e acendam todas as luzes.

Dá as suas ordens com calma e com minucia, e explica: «Je dinerai ici, dans l'atélier... toute seul. Je vais au bal ce soir... que personne ne me derange... Apportez-moi des pastèques très murs... vous acheterez en passant des roses rouges chez le fleuriste», etc.

Devem notar como nas scenas aí postas em confronto, não só uma não relembra outra, como até parecem escritas para se contraporem. Em «Zilda», a scena passa-se de noite, em «Le phalène», passa-se de dia. Zilda cái prostrada de excitação, afogueada, mal podendo falar; Thyra executa friamente sua idéa, tranquila dá suas ordens, não esquecendo um detalhe. Zilda pede luz mais branda para acalmar a nevrose; Thyra manda cerrar as janelas e iluminar bem o recinto para fazer «toilette» de baile sob os jorros da luz e ensaiar ao espelho os efeitos que, no baile, deseja tirar da sua tafularia: «Il faut que je sois un amour ce soir» — diz ela.

Um amor de critica, a nossa!

A outra situação de «Zilda», acusada de rescender perfumes de «Le phalène», é aquela em que a protagonisia de Alfredo Cortez diz que «quereria morrer num grande vôo em direcção ao sol... Com os olhos cravados nêle, tão agressiva, que nem o sol o fôsse mais», etc. Parece que Thyra tambem propendia para os astros, segundo afirma o critico, pois que a vemos recitar uma poesia de sua lavra, sobre um rochedo, á beira de um golfo da Sicilia, em que ela saúda as estrelas, o ceu, a terra e o mar e de cujas saudações Alfredo Cortez extraiu o duelo de Zilda com o sol. «Orion, Gémeaux, Cassiopéa, Altair, Nuits lactées, je viens á vous!...» Assim começa ela recitando e vê-se que de facto Thyra tem seu pendor para os astros. «Vieille terre,... je te donne tous les battements de mon cœur, je te les rends, puis qu'ils sont à toi... Je te donne mon corps», etc. Desta vez, a propensão de Thyra é positivamente para baixo, para a lama do planeta. Quanto ao sol, ao passo que Zilda quere morrer desafiando-o, Thyra quere morrer despedindo-se dêle, á maneira clássica. Olhem o «Manfredo» de Byron, a fazer as suas despedidas ao sol poente e á vida... Querem ver que o patife do Bataille surrateiramente foi plagiando o lord inglês?

Bolas para tais processos criticos. Por isso, na espectativa do renascimento espiritual, que diversos indicios coindicam formilhar aí em adiantada gestação e prestes a surdir para a luz, impõe-se, antes de tudo, destituir das suas funções a velha critica, por assás desautorizada, caduca e frangalhona, sem sciencia com que ensine nem integridade com que julgue.

Albertina da Silva

Reclamos

S. CARLOS—Continúa em pleno exito a encantadora peça «Marianela», que já poucas récitas dará, em vista de brevemente subir á scena o original de Carlos Selvagem «Entre giestas», que tanto sucesso causou quando se representou, há anos, no teatro S. Luís. Bem anda a empresa fazendo representar teatro regional, puramente português, pelo qual podemos apreciar os costumes e vida do nosso povo, infelizmente tão pouco estudados nos nossos palcos. Hoje repete-se a «Marianela».

NACIONAL—Como se previra, affluiram ontem, ao Nacional, muitas familias da sociedade. «Derrocada» repete-se hoje.

AVENIDA—«O coração manda» continúa constituindo a maior das atracções teatrais. Hoje repete-se, o que equivale a anunciar outra noite de enchente.

GIMNASIO—As pessoas que dão a preferencia ás «soirées» elegantes e que não forem hoje ao Gimnasio ficarão sem ter visto «A Garra».

POLITEAMA— A «Miss Diabo» não sái do cartaz, o que quere dizer que quem quizer passar um bocado da noite lá a tem ao Politeama para distrair-se.

APOLO—O teatro Apolo continua a encher-se todas as noites. Não ha electricos, mas os «camions» passam pela rua da Palma e deixam na popular casa de espectaculos numeroso publico, que vai ali admirar a fantasia «Porto, tantos de tal».

SALÃO FOZ—O «Trójaró», com o seu quadro novo «O delirio do opio», grande sucesso dos acrobatas Suzana e Isla, continua sendo o enlevo dos frequentadores das duas sessões do Salão Foz.

COLISEU DOS RECREIOS—Inaugura-se hoje o campeonato internacional de luta, no qual figuram 25 atletas de onze nacionalidades diferentes, e que está, por certo, destinado a um extraordinario sucesso. A França faz-se representar por grande numero de lutadores dos mais notaveis, tendo-se inscrito por Portugal o nosso robusto campeão Manuel Loureiro Grilo, que tem as melhores esperanças de se classificar. Para arbitrar, chegou hontem a Lisboa o «sportsmen» René Gossart, e no programa figuram tambem magnificos numeros de variedades.

TEATRO DE S. CARLOS
Telefone n.º 5:063
Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro
HOJE, ás 9 e meia da noite
MARIANELA
Notavel criação de Amelia Rey Colaço
Modicidade de preços—Nenhuma exigencia de etiqueta ou toilette—A mais elegante e comoda sala de teatro.
A seguir: ENTRE GIESTAS, original de *Carlos Selvagem.*
No largo de S. Carlos, depois do espectaculo, ha camions e automoveis para varios pontos da cidade.

DEMPSEY OU CARPENTIER?

Uma entrevista com Georgette Carpentier

A mulher do celebre pugilista declara:

"Desejo ardentemente que meu marido seja o campeão do mundo, não para o mundo, mas para ele, para a minha pequena Jacqueline e para mim"

Dempsey ou Carpentier? As opiniões dividem-se. Milhares de jornalistas procuram neste momento pesar todas as razões que possam dar a vitória ao campeão francês ou ao campeão do mundo. O grande *match* que depois de amanhã, ás 8 e 30, se vai realisar em Jersey-City, já não é um combate de *box*, é uma questão nacional, melhor ainda: é uma questão de raças. Jack Dempsey—dizem os franceses—não esteve na guerra, era um embuscado, sua mulher lançou-o ao desprezo, é indigno do titulo de campeão do mundo. Dempsey não tem a popularidade de Carpentier. E' preciso dignificar o titulo de campeão—afirmam os aficionados da «nobre arte».

Os partidarios de Carpentier, querendo estabelecer um termo de comparação entre o seu idolo e Jack Dempsey, dizem:—Carpentier é uma tal maravilha do box, as suas diferentes aparições sobre o *ring* mostraram-nos tanta sciencia, tantos recursos que parece impossivel que haja alguem que seja capaz de o vencer, quer por um *truc*, quer pela força, mas não sem um pouco de nervosismo bem compreensivel.

Carpentier treina-se em Manhasset

Carpentier aos 14 anos era já uma esperança

Afirma-se que Dempsey não era no dia em que tomou o titulo de campeão do mundo, digno desse titulo. Como os senhores vêm, não se pode dizer que Dempsey seja um super-homem do pugilismo. Ao contrario, sabe-se que Carpentier é um verdadeiro fenomeno.

Em sua casa, uma casa que não parece a de um campeão de box, madame Georgette Carpentier, olhos azuis—tal qual como seu marido—recebe o jornalista com um sorriso de simpatia. Pierre Pelltier faz-lhe a primeira pergunta:

—Acredita na vitoria de seu marido?

—Naturalmente.—E, como se recesse o peso da afirmativa, acrescenta:—E' preciso dizer-lhe que é o combate mais dificil de meu marido. Naturalmente todas as minhas razões são de ordem sentimental. Não conheço Dempsey, mas lembro-me ainda dos epitetos que acompanhavam o seu nome, quando o futuro adversario de Georges se exibia na America, por ocasião da nossa viagem. Chamavam-lhe o «tigre do ring». Dempsey é muito popular Além-Atlantico e os americanos têm quasi a certeza da sua vitoria.

—A França deseja ardentemente a vitoria de seu marido.

—Sim, escreve-se muito em França sobre este *match*. E' inexplicavel que ele tenha apaixonado a imprensa a tal ponto. Em todos os jornais, não se vêem senão notas biograficas de Georges.

«Alguns dizem que meu marido pode vencer, outros julgam que a força de Dempsey é tão consideravel que Georges não poderá resistir. A minha opinião não tem valor algum; contento-me com desejar a vitoria de meu marido, com todas as minhas forças, com toda a minha alma e aguardo o resultado confiadamente,

Georgette Carpentier e a sua pequena Jacqueline

«Seria tão feliz, se o meu querido Georges fosse campeão do mundo, não para o mundo, mas para nós três: para ele, para a nossa pequena Jacqueline e para mim.

Em cima duma mesinha, proximo da janela, o jornalista vê um baralho de cartas em desordem, e faz esta pergunta:

—Madame Carpentier é superstiziosa?

—Oh! não, responde ela a rir, essas cartas serviram para jogar uma partida de «bridge».

—Não deu a seu marido um «talisman», um *porte- bonheur*?

—Os meus beijos dar-lhe-hão felicidade, e ainda a fotografia de Jacqueline, que um amigo levou para lhe entregar. E' ele que nos deve comunicar telegraficamente o resultado.

—Mas porque não quer ir á America?

—Para assistir ao «match»? Ah! não; prefiro aguardar aqui o resultado, aqui, perto da minha pequena Jacqueline e com ela partirei para a America se Georges vencer—porque é possivel que tenha contractos que o obriguem a retardar o regresso.

«E' provavel que eu não durma na vespera do encontro, e mesmo na noite seguinte. Antes, estarei muito impaciente; depois muito feliz, se ele ganhar... e muito abatida se ele perder.

«Depois, não pude partir na Companhia de Georges, por causa do meu bebé.

Madame Carpentier tem um sorriso de mãe carinhosa e diz ainda que é para o dote de Jacqueline que seu marido vai á conquista do titulo de Campeão do mundo.

A opinião de Descamps

«Consegui fazer do meu discipulo, um pugilista que é a admiração do sport de todo o mundo, adaptámos as qualidades naturais do meu aluno á sciencia do box. A prodigiosa rapidez de Georges, que é a sua caracteristica mais digna de registo, de nada lhe valeria sem o admiravel sangue frio que lhe permite estudar o adversario sobre o *ring*, tão tranquilamente como na sala de treino. E Georges tem ainda uma outra qualidade: a de se submeter a todas as exigencias do treino. As suas vitorias não as tem ganho sem esforço; este consiste principalmente na submissão a todas as privações, desde o fumo até ao alimento, aos menores caprichos que poderiam influir na natureza e determinar uma disposição contraria á vitoria. E' nesta força de vontade que consiste, o seu grande merito».

LONDRES, 30.—O correspondente do Times em New York, diz que Dempsey não é considerado inferior a Carpentier, e há duvidas sobre a capacidade deste e a sua habilidade para infligir «punishment». O combate será descrito á medida que se fôr realisando, pela telegrafia sem fios.—(R.).

Dempsey faz uma corrida a pé

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Sem compromisso...

Senhora, o acaso fez
Com que a visse um destes dias,
E hoje era p'ra mim, talvez,
A maior das alegrias
O poder vê-la outra vez.

Como a vi naquele dia;
Em que vinha como nua
Num vestido que parecia
Que andava em maillot *na rua,*
De tão justo que a vestia.

Não venho, calcula bem,
Dizer-lhe o espontaneo amor
Que nunca sentiu ninguem;
Mas sinto seja o que fôr
Que é p'ra si e de si vêm!...

Adormeço com mais custo,
E' nas minhas noites brancas,
Naquele vestido justo
Sobre as mais correctas ancas
Passa o mais formoso busto.

E é bem triste minha querida,
Que um dia venha uma saia
Que a alma leva entretida,
E que a gente se distraia
Das coisas serias da vida!...

Cortar um extasis mudo
Suspirando tristemente;
Surpreender-se a miudo
Dizendo o nome de um ente
Que p'ra nós resume tudo!...

Estar triste quando a não vê!...
E ir á noite pela rua
Gemer versos de Musset
A' indiferença da lua,
Sem bem se saber porquê!...

Não ter meio de impedir
Um ar fatal de misterio
Que se traz, sem se sentir;
E que faz, sendo tão serio,
Tanta vontade de rir!...

Isto é grotesco, dirá.
Mas a Razão co'o Amor,
E' coisa que se não dá!...
Quanto mais sincero fôr,
Mais ridiculo será!...

E neste mundo tão triste
Em que o bem tão pouco dura,
E em que a ventura consiste
Em andar dela á procura,
Sem mesmo saber se existe;

E a terra, sendo tão vasta
Tão poucos prazeres encerra,
Que o mundo já nos não basta,
E que mais gosa na terra
Quem mais da terra se afasta;

Porquê tratar com desdem,
Chamar a vida de futil
No que de sonho contêm,
Sendo p'ra nós o mais util
O que mais nos entretem?!...

Porquê fugir num temor
E procurar impedir
Todo o mal que vem do Amor,
Se o remorso de fugir
Dá mais vergonha e mais dor?!...

Porque se hão-de reparar
Duas bocas a morrer
Por se poderem juntar,
Co'o mesmo amor p'ra dizer,
E o mesmo beijo p'ra dar?!...

Quando o amor sobe no peito,
E a gente em tomá-lo hesita,
Esse amor insatisfeito,
Dá-nos a pena infinita
De o não havermos desfeito!

Quem sabe lá, minha querida,
Quando se tenta uma boda,
Se a hora da despedida
Vem ao fim da vida toda
Se ao fim d'um'hora de vida!...

Troquemos um beijo terno,
Que é quanta nos cumpre aos dois!
—Que as almas não teem governo,
E ha talvez amor eterno,
Mas só se sabe,... depois!...—

João Fernandes.

NO MUNDO LITERARIO

UMA ESCRITORA FRANCESA

A MORTE DE PIERRE DE COULEVAIN NA SUIÇA

O seu ultimo livro "Sur la branche"—Uma visita ao Hotel do Chateâu, em Lausanne—A nossa psicologia

Ha poucos anos li, com admiração e curiosidade, a obra inconfundivel de Pierre de Coulevain. A escritora apareceu-me inteligente e forte, pela sua linguagem clara, pelos seus raciocinios profundos, pela sua maneira especial de encarar a vida superiormente, com um optimismo um pouco libertario sob o ponto de vista religioso, mas ralmente grande, sereno e energico.

Essa mulher, a mais de meio caminho da vida improvisa-se escritora. Em meia duzia de anos e com meia duzia de livros torna-se celebre e adquire uma larga independencia. E' festejada, admirada. Viaja sem cessar e vive «sur la branche» como espectadora benevolente, tendo muitos amigos, que nunca deixam de o ser, pois antes que chegue a intimidade que desilude Pierre de Couvelain levanta vôo.

E' adorada pelas mulheres a quem a sua idade já não faz sombra. E' querida e procurada pelos homens, que encontram nela uma inteligencia masculina adoçada pela delicadeza feminil e por uma grande educação. Vive isolada no meio de muita gente, sem lar, sem familia, dominando em absoluto saudades ou fraquezas, com uma coragem elegante, com um talento simples e profundo, não fazendo pezar em ninguem as maguas da sua alma crente. E digo crente, pois crente se me revela atravez do seu orgulho, da religião pessoal que se creou, da liberdade de espirito que manifesta.

No seu ultimo livro «Sur la branche» o editor põe uma nota laconica, em que diz que a escritora não concluiu um livro em preparação por que a morte a fez caír de «la branche» em Lausanne, no Hotel du Chateau.

Conheço muito imperfeitamente as circunstancias dessa morte e algumas me citaram que me parecem inverosimeis, como dizerem-me que morreu blasfemando aquela alma que, embora fora das regras, se me afigura serena e confiante em face da ideia da eterna viagem.

Quando estive ultimamente em Lausanne, essa curiosidade sentimental que nos dá o desejo de prescrutar a vida e a morte dos vultos celebres, que nos leva a visitar os lugares em que sofreram e onde acabaram, conduziu-me ao Hotel du Chateau. Ali preguntei, com uma ingenuidade de portuguesa, em que quarto tinha habitado e morrido madame Pierre de Coulevain. Julguei no meu entusiasmo latino que bastava isto. Ninguem sabia no hotel. O quarto que eu quereria visitar em peregrinação intelectual era um quarto anonimo, que ninguem tinha fixado.

O dono do hotel, atencioso e frio, folheava o registo dos hospedes e dizia:—Pierre de Coulevain? Non, madame.

Tentei esclarecer—uma grande escritora francesa, que passava muitos meses na Suiça, que tinha morrido no Hotel de Chateau e que usava o pseudonimo de Pierre de Coulevain.

O dono do hotel triunfou. Um pseudonimo. Estava explicado. Era preciso saber o nome, o nome exacto. Ora esse é que eu não sabia ou, se o tinha sabido alguma vez, esquecera-o, assim como raramente me lembro de que Pierre Loti se chama Julien Viaud.

Na Suiça, onde ninguem se importa com a vida alheia senão no limite em que isso constitue uma obrigação, Pierre de Coulevain morreu no hotel sem que ninguem do pessoal conhecesse a sua celebridade. Um rei exilado ou um escritor notavel, um milionario ou um grande artista pagam os aposentos que preferem, são tratados conforme pagam, levam a vida que entendem, com tanto que não façam prejuizos ou que estejam prontos a indemnizá-los. Quanto ao mais não existem e ninguem se importa com eles.

Para o nosso meio, para o nosso temperamento esta psicologia indiferente, discreta, comoda, mas gélida, é incompreensivel. Um português, com uma alma com os defeitos e as qualidades portuguesas, que o moderno cosmopolitismo ainda não transformásse, sente-se exilado na Suiça, pois tem a vaga melancolia de perceber que só existe ali dentro da capacidade do seu dinheiro.

Maria de Carvalho.

A luta eleitoral

Um candidato radical

Tendo-se desfeito o acôrdo para a eleição do alferes sr. Matos Cordeiro pelo circulo de Tomar, aquele oficial pediu escusa ao partido popular da sua candidatura.

Um grupo de republicanos vai sancionar a candidatura do sr. Matos Cordeiro como republicano radical pelo circulo ocidental de Lisboa. Só nestas condições o sr. Matos Cordeiro poderia aspirar á eleição, visto que o seu partido não concorre ás urnas nesta cidade.

O novel candidato vai iniciar uma propaganda intensa.

Um desistente

O sr. Mario da Silva resolveu não aceitar as candidaturas pelos circulos de Leiria e Lisboa ocidental, que o partido socialista tinha sancionado.

Malas postais

Pelo «Aguila» são ámanhã expedidas malas postais para a Madeira, Las Palmas e Africa Oriental, via Madeira, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral.

"Diario de Lisboa"

Encontra-se á venda na linha de Cascais nas estações de Parede e Estoril.

Além-mar

Nomeação de altos funcionarios para a provincia de Angola

Foram nomeados: intendente do Lobito, o sr. dr. Monteiro do Amaral; chefe da repartição dos serviços urbanos de Loanda, o arquitecto sr. Francisco da Costa; engenheiros subalternos das obras publicas de Angola, os srs. Afonso Castilho e Amaral Macedo; director dos portos e caminhos de ferro do sul da mesma provincia, o engenheiro Pinto Teixeira; chefe da divisão do Lobito e fiscal do governo junto do caminho de ferro de Benguela, o engenheiro Mascarenhas Inglês.

Um pedido dos funcionarios publicos de S. Tomé

O senador sr. Sousa e Faro recebeu hoje um telegrama dos funcionarios de S. Tomé, pedindo a sua intervenção no caso da desigualdade de vencimentos com relação a outros funcionarios da mesma categoria.

O sr. Sousa e Faro procurou hoje o sr. ministro das colonias, a quem expoz o caso, pedindo com empenho que se faça inteira justiça.

O sr. dr. Celestino de Almeida prometeu estudar o assunto com todo o cuidado.

UMA NOVA GREVE?

Os ferroviarios do Sul e Sueste têm reclamações a fazer

No entanto, aguardam o dia 5 de Julho em que deve chegar a Lisboa o sr. Granjo

Fomos hoje ao Ministerio do Comercio com o fim de apurar o que há de verdade sobre a greve dos ferro-viarios do Sul e Sueste, já tão anunciada por varios jornais.

Naquele Ministerio nada se sabe, ou nada se diz. O jornalista, agora, mal lá tem entrada. A sala de espera é reservada a politicos e os velhos reposteiros só se abrem para os deixar passar. Por isso, dirigimo-nos á estação do Terreiro do Paço e ali travámos conversa com um ferroviario.

Preguntámos:

— Então, sempre é verdadeira a noticia de uma nova greve no Sul e Sueste?

— Ainda não pensámos em tal. O publico, quando ouve falar em reclamações feitas por qualquer classe, julga logo que existe a idéa da declaração de greve... Naturalmente, porque nunca se tem enganado...

— Mas, o que reclamam?

— A reintegração dos nossos camaradas expulsos quando do ultimo movimento grevista.

— O que tencionam fazer?

— Esperamos a chegada do sr. dr. Antonio Granjo, que se encontra no norte. Quando vier, iremos apresentar-lhe as nossas reclamações.

— Já as têm elaboradas?

— Não lhe posso responder.

— Diz-se que têm entendimentos com os rurais do Alentejo?

— Isso não tem fundamento algum. A nossa classe é unida bastante, para não necessitar de quaisquer sacrificios. No entanto, nunca em qualquer circunstancia desprezaremos o auxilio do proletariado, nossos camaradas de trabalho.

Foi isto o que nos disse um ferroviario de categoria.

Até ao dia 5 de Julho, data em que o sr. dr. Antonio Granjo regressará de Traz-os-Montes, onde está tratando de eleições, nada de novo haverá que mereça sobresaltos.

NO PALACIO DE BELEM

A entrega de credenciais do enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da China

No salão Luiz XV do palacio de Belem está decorrendo, á hora que escrevemos, a cerimonia da entrega das credenciais do enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da China.

Aquele diplomata chegou ao palacio em carruagem escoltada por uma guarda de honra e acompanhado pelo sr. Costa Cabral, chefe do protocolo do Ministerio dos Estrangeiros.

Era aguardado no salão pelo sr. Luiz Barreto da Cruz, chefe do protocolo da presidencia, que o apresentou ao sr. Presidente da Republica.

Trocaram-se as costumadas saudações salientando o ministro da China a amisade do seu paiz por Portugal.

A' porta do palacio fazia a guarda de honra uma companhia da G. N. R.

A CIDADE

UMA ACUSAÇÃO GRAVE

Dois passageiros dum "side-car" agredidos pela policia

Por trazerem uma peque na caixa de tabaco inglês com as côres azul e branc

Os srs. Joaquim Nunes Coutinho Junio, pintor; Antonio Francisco Caracol, «chauffeur»; e Tarquinio Ribeiro Salgado, igualmente «chauffeur», fizeram-nos a seguinte narrativa, que reproduzimos sem comentários, garantindo-nos a sua autenticidade:

Os dois primeiros alugaram ao terceiro um «side-car» e, depois de terem dado umas voltas pela cidade, apearam-se na rua de Campo de Ourique, onde entraram num estabelecimento para beber cerveja. Isto passou-se na noite de S. Pedro e os dois boemios entregavam-se aos folgue dos, quando apareceu ali um guarda que os convidou a acompanharem-no á esquadra dos Terramotos.

Uma vez na esquadra, segundo referem o chefe Alexandre Alves apareceu-lhe munido de um cavalo marinho em bruto entrou de agredi-los, dentro de um calabouço, para que os seus gritos não fossem ouvidos cá fóra.

furia do chefe Alexandre foi provocada pelo facto de ter lobrigado as côres azul e branca numa caixa de tabaco inglês que um dos presos se lembrou de tirar do bolso.

Chegou a apontar aos presos uma pistola, obrigando-os a dar vivas á Republica e bradando-lhes, com modos teatrais:

—Quem vive?...

Foi um cabo que lhe desviou o braço para evitar que a scena terminasse porum crime gravissimo.

O chefe apreendeu, como *corpo de ellcio de propaganda monarquica,* a caixade cigarros.

Estes presos encontram-se nos quartos particulares do governo civil, entregues á policia de segurança do Estado.

Para eles chamamos a atenção dosr. comissario geral da policia.

Os armadores de Setubal

pedem a supressão das zona proibitivas

Os armadores de Setubal entreganm uma representação ao sr. ministro da marinha, pedindo para terminar com as zonas proibidas, a fim de os cercos poderem pescar livremente.

LER NA SEGUNDA PAGINA

Os novos e a critica

artigo de Albertino da Silva

Congresso Luso-Espanhol

Partiu hoje para o Porto o ministro da instrução

O sr. ministro da instrução partiu efectivamente hoje de manhã para o Porto, a fim de assistir ao Congresso Scientifico Luso-Espanhol. O sr. Ginestal Machado regressa no sabado á noite.

Universidade Popular Portuguesa

Realiza-se hoje, pelas 21 horas, na sede desta Universidade, em Campo de Ourique, a 15.ª conferencia do sr. dr. Faria de Vasconcelos, da serie sobre «Educação das Familias».

A entrada é publica.

QUESTÕES DE ARTE

ARQUITECTURA PORTUGUESA

O SOLR DO NORTE E A MORADIA ALENTEJANA

O distinto arquitecto sr. Eugenio Correia diz ao "Diario de Lisboa" o que deveria ser a casa portuguesa

A casa portuguesa, tipicamente portuguesa, cando-se com a paisagem, com o ceu e com a luz, vive no nosso olhar como um motivo encantado de beleza de dificilmaterialização. Mas porquê?

Quiz o acaso que obtivessemos ontem a resposta a esta pregunta, acolá, no Chiado, durante meia hora de conversa com o moço arquitecto Eugenio Correia, uma da raras criaturas que em arte sente e rabalha portuguesmente.

Ele começou assim:

— No nosso paiz não há uma arquitectura. Existem por aqui e ali detalhes, motivos da nossa antiga maneira de construi

— Masa casa portuguesa...

— Ah! a casa portuguesa! A minha geração só pensa em congregar todos os motivos esparsos da nossa arquitectura e criar um tipo ideal de moradia.

— Podr-se-há fazer isso facilmente?

— Pod. No norte encontramos os antigos solares feitos de granito; de rotulas pintadas a verde; beirais sinuosos, de alpedres e alpendradas; janelas de canto, de cunhais de pilastra e de pináculos. No sul, a casinha humilde, toda caiada e branco, como uma vaga reminiscencia moirisca, onde a chaminé é sempre um pretexto de beleza e onde os eirados substituem os telhados com vantagem e com arte...

— E como se faz a construção dessas casas?

— No norte, já lhe disse, emprega-se o granito no sul, usa-se exclusivamente o tijolo e no centro, a alvenaria.

— Qual é o melhor método de construir?

— Isso depende. O que eu lhe afirmo, porêm, é que não se deveria nunca empregar êsses óleos horriveis que nós vemos aí pelas frontarias dos prédios. O branco é a côr que mais se harmonisa com a nossa paisagem. E' a sua expressão.

— Nas cidades, a paisagem é pouca, atalhámos, sorrindo.

— Sim; não se poderia empregar o branco. No entanto, as casas de Lisboa deveriam ser pintadas com côres baças, apagadas, como já se costuma fazer.

— Os oleos são métodos franceses?

— E' essa falta de arte, ou melhor: de individualidade na arte que tem introduzido em Portugal essa «chalezada suissa», tanto de arrepiar a nossa sensibilidade. Não compreendo que o «chalet» suisso, de tectos inclinados por causa da neve, de construção peculiar, própria das montanhas, se edifique aí á matroca por todo o paiz, terraço á beira mar, banhado de luz, cheio de azul e sempre em perene primavera. E um horror!

— De quem é a culpa?

— Nossa, não! muitas vezes um proprietario chama um mestre de obras e manda-lhe fazer uma planta. Este o que faz? Vai a um livro de arquitectura, arranca-lhe uma planta, tira-lhe ou põe uma divisão e faz um prédio. Não olha ás necessidades da familia, não arranja um todo artistico — não faz a casa portuguesa...

— Mas porque se dá isso?

— O proprietario, como quere gastar pouco dinheiro, recorre ao mestre de obras, julgando que êste, construindo-lhe o predio, não lhe leva nada pelo projecto. E' um êrro. O projecto é sempre pago e o proprietario fica sempre mal servido.

Eugenio Correia, cheio de entusiasmo, continuava falando. A tarde caía; para as bandas do Camões, o ceu encobria-se de azas pequeninas e um chilro continuo alvoroçava os ares: era a pardalada que recolhia; nas lojas, desciam-se as portas onduladas; alguem passou e cumprimentou-nos.

Dissemos:

— Como visiona a casa portuguesa?

— Por dentro, a lareira, um átrio de tijolo, intercalado de azulejo, uma grande casa de estar que servisse de escritório e de sala. Esta casa teria grandes janelas, que abririam sobre um largo alpendre, assentos de pedra, azulejos com motivos maritimos ou com scenas religiosas; deixaria ficar o travejamento á vista, embrincá-lo-ia...

— Exteriormente?

— A casa seria toda caiada de branco, como uma amendoeira em flor. Azulejos ainda, o nicho para a imagem, por cima um lampeão de ferro forjado, onde arderia toda a noite um lume votivo; janelas de rotulas pintadas a verde; nos angulos, a espreitar, fenestras esguias; socalcos e mizulas para vasos de flores; depois, o alpendre, um terraço em angulo, uma chaminé bonita, leve como uma «figurine»; telhado mourisco com arrebiques aos cantos; pináculos...

— Que lindo! dissemos. — A frase era simples, quasi ingenua, mas era sincera.

Eugenio Correia, em breves palavras, dera-nos da sua arte a maior expressão.

Preguntámos:

— Quando veremos uma casa assim?

— Os novos, os meus colegas que estão trabalhando comigo na Escola das Belas Artes, pensam em ressurgir a casa portuguesa. Consegui-lo-hão, creia.

E, concluindo:

— Vai sair uma revista intitulada a «Alma Nova», que se dedica a assuntos de arte. Esta revista terá uma secção de arquitectura, que será dirigida pelo meu distinto colega Jorge de Almeida Segurado, um novo, cheio de vigor, de vontade e de talento. A revista será o nosso primeiro grito de mocidade.

Conselho de ministros

Na sua reunião tratou da questão do Douro e do conflito dos electricos

O conselho de ministros reuniu-se hoje de manhã na secretaria das colonias, tratando, entre outros assuntos, da questão duriense. Ocupou-se tambem da questão dos electricos, parece que no sentido de chegar-se a um acordo entre a Camara Municipal e a Companhia Carris, para o que foram chamados a uma conferencia, que se realizou durante a sessão do conselho, o sr. Freire de Andrade e o vereador José dos Santos. Não assistiram os srs. ministros da instrução comercio e agricultura, por estarem ausentes de Lisboa.

Melhoramentos em Pombal e em Albergaria

Uma estrada que liga duas vilas

Os srs. Ribeiro de Carvalho e O'Neill Pedrosa estiveram no ministerio do comercio instando pela construção da estrada de ligação de Pombal a Albergaria por S. Tiago, cujos estudos, feitos a expensas da camara municipal de Pombal, são por esta oferecidos ao Estado, a fim de, com mais urgencia, se levar a efeito aquele importante melhoramento.

Notas Mundanas

Festas de caridade

A tourada em Vila Franca

Entre a nossa aristocracia reina grande entusiasmo pela tourada, que se realiza no domingo, 17, na praça de Vila Franca, a favor de diferentes instituições de caridade e organizada pelo sr. José Wanzeller Palha Blanco e com o concurso artistico dos nossos melhores amadores, entre eles do D. Ruy da Camara (Ribeira).

Os bilhetes podem ser requisitados para Vila Franca.

"Matinée" de arte

No Salão nobre do teatro de S. Carlos realiza-se no proximo domingo uma «matinée» de arte organizada pelo actor Antonio de Melo, em que tomam parte alguns dos nossos mais distintos artistas e os ilustres poetas srs. Antonio Ferro, José Bruges e Americo Durão.

A casa acha-se quasi passada, estando os bilhetes distribuidos pelas principais familias da nossa sociedade, e os restantes encontram-se á venda nas pastelarias Garrett, Benard, Marques, Trianon e Rendez-vous des Gourmets e nas livrarias Bertrand, Portugal e Brasil e Ferreira.

Pontos de reunião

A'manhã, além das «matinées» da moda nos Cinema Condes e Chiado Terrasse, onde se exhibão programas extraordinarios, realiza-se no Salão Foz a recita da moda que tão elegantes costumam ser.

No Cinema Condes

Assistencia elegante ás sessões da moda de ontem:

D. Berta de Ortigão Ramos, D. Sára Burnay Paiva de Andrade, D. Luisa Tavares Horta Osorio, D. Maria Berta de Ortigão Ramos de Castelo Branco, D. Maria Luisa de Meneses, D. Berta Macieira Reis, D. Maria Macieira, D. Alice Burnay, D. Ilda de Magalhães Pedroso, D. Maria Sarmento Cohen de Bettencourt, D. Maria Pereira de Melo, D. Lucilia e D. Ester Cisneiros Machado da Cruz (Queluz), D. Maria Tereza Horta, D. Alice e D. Josefina Cabral de Lemos, D. Izabel Lallemant, etc., etc.

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

D. Benedita Raposo de Oriol Pena, D. Maria Luiso Bramão Reis Morin, D. Maria Emilia da Silveira de Vasconcelos e Sousa (Castelo Melhor), D. Maria Josefina Tenreiro Ilharco da Silveira Viana e D, Maria Eugenia Salema de Assunção.

E os srs.:

Luís de Sommer, Antonio Pinto da Fonseca, Augusto de Carvalho Bruges, Francisco Mendes de Vasconcelos Guimarães, Domingos Maria Vecchi Pinto Coelho, José Manuel de Castro Novais Soto Maior, Camilo Serra de Bettencourt e Marçal Pacheco.

Em viagem

Com sua gentil filha, regressaram a Sintra os srs. viscondes de Asseca.

—Parte brevemente para as suas propriedades em Torres Vedras, com sua familia, a sr.ª viscondessa de Balsemão.

—Encontra-se já no Seixal o sr. Frederico de Albuquerque Grey.

Parte brevemente para França, com sua gentil filha, a sr.ª condessa de Alto Mearim.

—Partiram para a Granja as sr.as D. Candida e D. Joana de Castro.

—Com seus gentis filhinhos encontra-se já em Cascais a sr.ª D. Margarida da Mota Marques Ferreira de Castro.

—Partiram hoje para os Cucos as sr.as D. Maria Isabel Brandão de Melo e D. Gertrudes da Silva.

Novidade literaria
LIMINAR
POR
MARIO ALVES PEREIRA
A' venda em todas as livrarias

MÁ-LINGUA

A ponte sobre o Tejo

Resurgiu a quimera pre-historica
da tão falada ponte sobre o Tejo;
aproveitando o inesperado ensejo
troam na imprensa as salvas da retorica.

Vai ser de pedra e aço (inda os não vejo);
desinfecta-se o rio a agua borica;
mais salvas nos jornais; prosa gongorica;
e... fica em nada o celebre desejo.

Antes assim. Unir Almada a Santos
só tinha inconvenientes. Tantos, tantos,
que era mesmo uma ideia desgraçada.

Reponto, e muito justo que reponte!
que seria de nós!? Se até sem ponte
já por cá sobram comilões de Almada...

TAÇO

Pedindo justiça!

A situação horrorosa dum soldado do C. E. P.

Sr. director:—Rogo a v. se digne dar publicidade a este brado de dôr que me dilacera o coração:

Sr. redactor: com o sorriso nos labios, as lagrimas nos olhos e cheio de saudades por este rincão chamado Portugal, parti para os campos de batalha, onde se iam jogar os destinos da nacionalidade.

Cumpridor dos meus deveres de soldado, voltei á patria com a minha caderneta isenta de castigos.

A sorte, porém, não me sorriu: Estando em Cherbourg como cozinheiro de uma «mess» de sargentos, por influencia do 1.º sargento da companhia dava restos de comida ao soldado n.º 364 da 3.ª bataria de artilharia de guarnição, de Setubal, Antonio Pinto Mórinha, e ainda por pedido do aludido 1.º sargento, costumava dar passeios pela cidade com o referido Mórinha. Ora, no dia 5 de Agosto de 1919, tendo ido dar um dos tais passeios entrámos num café onde se encontrávam uns soldados francezes com quem o Mórinha se envolveu em desordem, não sem que eu tivesse feito todos os esforços no sentido de evitar o conflito, tendo inclusivamente avisado o proprietario do estabelecimento. Providencias mal tomadas, deram em resultado todos sairem para a rua, onde o Mórinha com uma navalha de barba agrediu alguns franceses.

Não vi o que se passou porque fugi, não por cobardia, mas por não querer assistir a um crime que a minha consciencia reprovava. Daí resultar o Mórinha gritar por mim a fim de me liquidar por ser o unico português que no seu entender o poderia acusar.

O Mórinha foi preso, conservando-se algum tempo em S. Gabriel. Sob prisão voltou á patria, onde creio não me enganar muito afirmando que grandes influencias se movem para o salvar.

Para que o processo se completasse foi o Mórinha novamente requisitado nos principios de Março p. p., não tendo aparecido até á data.

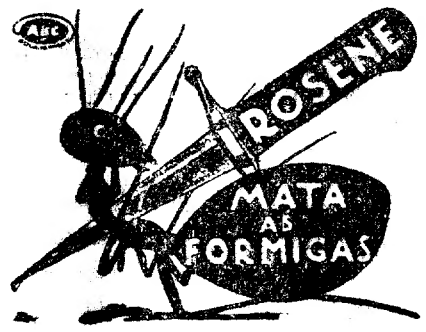
Quanto a mim, três dias depois do crime, regressei á Patria, gozei a licença de campanha, após a qual tive ordem de prisão, dando entrada na torre de S. Julião da Barra em 24 de Março p. p. e, em virtude do Mórinha não mais ter aparecido, o processo ainda não seguiu para a divisão, e eu, já causado, torturado e afflito por me ver preso incessantemente pregunto a mim proprio se não me valera mais ser um criminoso, depois que a amnistia em gloria aos soldados desconhecidos abrangeu tantos deles, do que ser um cumpridor dos meus deveres como soldado e como cidadão.

Actualmente estou a braços com uma febre pulmonar que me apaga a vida lentamente, faltando-me tudo, inclusivé os carinhos da minha estremecida mãe, já envelhecida de tantas lagrimas ter derramado sem esperanças de ver a minha situação mudada nesta malfadada vida.

Era preferivel que uma bala me tivesse dado morte gloriosa nos campos da batalha do que ser tão mal retribuido, deixando-me apodrecer, lenta e horrivelmente nesta prisão.

Rogo-lhe, sr. redactor, encarecidamente que atenda este desejo de um moribundo, para que as entidades oficiais encarem com este caso, merecedor de um pouco de atenção, a fim de que nesta terra, em casos como o meu, não seja tida como uma palavra vã, um mito, uma irrisão, a justiça!

De v., etc.—*José Mendes Nuncio*, soldado n.º 139 da 3.ª companhia do batalhão de pontoneiros.



DEPOSITARIO
Sociedade de Produtos Farmaceuticos Ld.
Rua de Santa Marta, 53

PROVINCIAS

Em Coimbra

A questão academica

Coimbra, 28

Os pais de alguns alunos da Universidade e encarregados da educação, reunidos hoje em Coimbra para solucionarem o conflito academico, reconheceram a impossibilidade de o conseguirem, atendendo á irredutibilidade, tanto da parte dos professores como dos estudantes.

Na reunião, que se realizou em casa do sr. dr. Guilherme Moreira, foi alvitrado pedir ao sr. dr. Angelo da Fonseca que pedisse uma licença, mas essa ideia foi imediatamente posta de parte. Causou desanimo naqueles o facto de os estudantes terem perdido o ano, em face da lei e, portanto, só o Parlamento poderá modificar a sua situação. Em virtude do aspecto da questão todos reconheceram que esta é insanavel.

Alvaro de Castro

Está em Coimbra o sr. dr. Alvaro de Castro.

Imprensa da Universidade

Tem dado que falar o preenchimento da vaga deixada pelo sr. dr. Teixeira de Carvalho, na Imprensa da Universidade. Disputam-na o sr. dr. Joaquim de Carvalho, professor da Faculdade de Letras, a quem de direito cabe, como professor, e o clinico sr. dr. Bernardo Pedro.

Em Escalos de Cima

Montagem de linhas telefonicas

Escalos de Cima, 28

Está quasi concluida a montagem da linha telefonica de Alcains para aqui, o que é um grande beneficio, não só para esta freguesia, como para Escalos de Baixo, Longa Mata e Lardosa.

Em Vila Real

Falta de iluminação

Vila Real, 28

Devido a uma subita enchente do rio Corgo, as aguas levaram o madeiramento do açude da Empreza da Luz Electrica, ficando durante algumas noites a vila privada de luz.

A crise do Douro

Causou aqui a mais profunda impressão a noticia publicada no «Primeiro de Janeiro» de ontem, de que o govêrno se declarára impossibilitado de solucionar a crise durlense,

Exposição escolar

Realisou-se ha dias a exposição de trabalhos das alunas da Escola Normal e Primaria Superior, que foi muito visitada.

As eleições

O partido liberal local propoz ao Directorio a inclusão do nome do sr. dr. José Augusto Fernandes, na lista dos candidatos a deputados.

Antonio Granjo

Chegou aqui ontem o ministro do comercio, sr. dr. Antonio Granjo, que foi muito cumprimentado pelos seus amigos e correligionarios.

Feira dos Pucarinhos

Começa ámanhã a tradicional Feira dos Pucarinhos de S. Pedro.

Em Tortozendo

Iluminação publica

Tortozendo, 28

O que é um facto é que continuamos ás escuras. Já lá vai o luar ha uns poucos de dias e continuamos a desfrutar a ausencia da iluminação, como se estivessemos em plena lua cheia. Por venia o encarregado camarario destes serviços andaria lua e suporá que ha sempre luar. A nós parecios que sim, pois já o mês transacto alguns candieiros eram acêsos ás 9 e meia ou 11 horas da noite... por causa dos morcegos se não enganarem nos seus esconderijos.

O S. João

Os folgedos de S. João, que este ano tiveram muito animados, decorreram sem acidentes importancia. Cantou-se e dançou-se com entusiasmo durante a noite inteira.

Falta de franquia

Continua a não haver postais em todo o ocelho! E nalguns pontos até os selos para cartas tem faltado. São grandes os prejuizos, principalmente para o comercio, que tal estado de coisas acarreta o publico.

Crise da industria textil

Em consequencia da paralização, quasi completa, das transacções d'industrias textis locais, a classe operaria está passando por uma crise de dinuição de salarios. Entretanto o custo de vida mantem-se elevado, o que fez com que alguns tecelões comecem a imigrar para outros pontos do país.

O tempo

Refrescou a temperatura bastante, tendo chovido ha já dois dias grandes molhadas, o que é dadmirar no tempo em que estamos, em fins de junho! Parece que a incerteza, a irregularidade e vida portuguesa até na atmosfera tem repercussão infeliz Portugal! Até os céus conspiram contra elel

As eleições

Vai grande movimento nos arraiais poicos, principalmente nos governamentais que pretendem obter uma eleição completa, uma verdadeira «sepa» conforme se diz em calão politico. Enfim... ver vamos, se Deus quizer e se chegarmos ao dia 0 do mês que vem.

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 1.—Reza-se da festa do preciosissimo sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, dupléx 2.ª classe. Paramentos vermelhos. Missa propria. Credo.

LAUSPERENE—Na capela do Sagrado Coração de Jesus, na rua Renato Baptista (aos Anjos).

FESTIVIDADES—Sé, ás 11, côro; ás 12, missa e vesperas; S. Roque, ás 8,30, horas missa; capela do Coração de Jesus, ás 12 horas, festa ao Coração de Jesus, com missa solene por musica, orando o rev. Governo; ás 16 horas, terços de Benditos, por musica.

—Novena a Santa Izabel, com exposição do Santissimo, por instrumental, em Santa Izabel, ás 20-30.

—Exposição da imagem da Senhor Jesus dos Passos, nas igrejas do costume.

Algarvia, L.da
Importadores e Exportadores
OLHÃO

Termas das Caldas de Canavezes
(A 2 quilometros da estação da Livração, Caldas de Canavezes, na linha do Douro)

CONDUÇÃO ÁS TERMAS EM AUTOMOVEIS

As mais ricas da peninsula em arsenio e as unicas aguas sulfurosas arsenicais do país para tratamento das doenças de pele, bronquites, laringies, sifils, reumatismo, gôta, etc.

ABERTO DE 1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO

Inhalações, pulverizações, douches nasais, irrigações e fricções—Banhos de imersão e douches—Grande hotel—Parque, casino, mata e passeios no rio—Excelente de vistas desumbrantes—iluminação electrica—TRATAMENTO—DESCANÇO—TURISMO.

Endereço telegrafico — CALVEZES-MARCO
Escritorios: (Nas termas. (Em Lisboa — R. de S. Nicolau, 88, 2.º

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no
ESCRIPTORIO FORENSE
R. do Carmo, 35, 2.º
N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

N.º 13 — Folhetim do DIARIO DE LISBOA — 3-06-921

VITORIA

NOVELA PASSIONAL por KNUT HAMSUN

—E' só a si que eu amo, disse ela.

Em cima a porta abriu-se. Apressada desprendeu-se e tornou a subir, mas correndo.

A noite avança, o dia principia a romper, uma manhã de Setembro azulada e fremente.

O vento murmura brandamente nos choupos do jardim. Abre-se uma janela; um homem inclina-se para fóra, cantarolando. Está em mangas de camisa e olha ao acaso, como alguem que, de tanto ser feliz, se acha um pouco intoxicado com a sua felicidade. Bruscamente, desvia-se da janela, olha para a porta. Alguem bateu. Grita: «Entre». Um homem aparece:

«Bons dias» disse o visitante. Este acusa uma certa idade. Vem livido e furioso; traz uma lampada, porque ainda não é dia claro.

«Mais uma vez lhe pergunto, sr. Möller, sr. Johannes Möller, se é razoavel o que o sr. faz», resmunga o homem, visivelmente exasperado.

«Não», respondeu-lhe Johannes, acho-lhe razão. Estive a escrever e escrevi com facilidade... Veja o que ahi tenho. A inspiração favoreceu-me esta noite. Mas agora passou. Abri a janela e cantei».

—Cantou!...

—O sr. berrou!—disse o homem:

—Nunca na minha vida ouvi cantar tão forte, ouviu? E ainda estamos pouco além da meia noite...

—Johannes rebuscou nos seus papeis, em cima da meza, e agarrando numa mão cheia de linguados exclamou:

«Veja! Disse-lhe que nunca me senti tão inspirado. Foi uma especie de relampago. Uma vez vi uma faisca que seguia um fio telegrafico; Deus me perdôe, mas afigurava-se-me uma toalha de fogo. Percebi a mesma coisa esta noite, no meu coração. Que hei de fazer? Creio que o sr. não me há de querer tanto mal, quando o souber. Sem fazer qualquer movimento, eu escrevia sentado ali, compreende? Pensava no sr. e não me mexia. Repentinamente, perdi a noção de mim proprio, sopuz que o meu peito ia estalar. Ter-me-hia levantado, nesse instante? E' possivel que assim haja sido, que me tenha levantado uma vez, passeando então no quarto, dum para o outro lado. Como eu era feliz!

—Ainda não é tanto pela noite—disse o homem, rabugento.

—Mas é absolutamente imperdoavel abrir a janela e gritar como o sr. gritou.

—Pois bem, veja! Admito que é imperdoavel. Mas não lhe dei já uma explicação franca do que se passou? Escute-me: servi uma noite unica, divina. Aconteceu-me ontem uma coisa: seguia rua fóra e vi que encontro a minha felicidade... ah! atenda-me... encontro a minha estrela e a minha felicidade. Repare bem... depois ela beija-me. A sua boca era tão vermelha como eu a desejava: beija-me e embriaga-me de contentamento. Já alguma vez os seus labios tremeram tanto que o sr. não pudesse falar? Eis o meu caso. Não conseguia falar, porque o meu coração agitava todo o meu corpo. Corri a casa e adormeci. Dormia assentado naquela cadeira. Acordei, ao entardecer. A minha alma embalava-se na sua propria felicidade—o que me obrigou a escrever. Que escrevi eu? Aqui está! Senta-me dominado por uma ordem de ideias estranhas e magnificas, os ceus tinham-se entreaberto—o que era para a minha alma como um calido dia de verão... um anjo dava-me de beber, bebi, e o vinho era enebriante, sobretudo bebido numa taça com uma romã. Ouvi, porventura, o reogio? Chegou a apagar-se a luz? Vivi e revivi as minhas impressões felizs, tornei a descer a rua, com a minha bem-amada, e toda a gente se voltava para a vêr... Entrámos no parque, encontrámos o rei, cheio de alegria inclinei-me até ao chão e o rei parou para a contemplar—tanto a presença da minha bem-amada é sugestiva e bela.

«Tornamos a passar pela cidade e todos os estudantes formaram alas á sua passagem, porque ela rescende juventude e ua um vestido claro. Chegámos diante duma casa constr... da com pedras vermelhas, onde en... mos. Acompanheira até á escada e quiz ajoelhar-me a seus pés. Então, ela tomou-me nos seus braços e deu-me um beijo. Isto sucedeu-me ontem á tarde—ontem á tarde somente-

(Continua).

NO ESTRANGEIRO

A VIDA EM ESPANHA

momento poli co

NA SESSÃO DO CONGRESSO CUTE-SE O PROJECTO LACH

Afonso XIII conversou largament hegar de Paris, com o chefe do go

BOATOS DE CRISE MINISTERIAL — OBERTA DUM IMPORTANTE DESFA

MADRID,

Ontem, á noite houve sessão no esso até ás nove horas, discutin projecto de Lcierva. Interviera scussão os srs Romanones, Vill , Canals, Lerrux e outros. O nte do conselh declarou que d governar darlo a maxima sa a todos os prtidos politicos.

* * *

presidente do conselho esperou o stação e conversou largamente do depois o palacio, onde lhe assuntos pndentes e em espe le dos ébates parlamenta haverá conselho de ministr clo re

* * *

azar esme ou os boatos nhã e nte os dias segu camaras tratarão com urgen suntos pendentes.

* * *

i descoberto um fosfalque nos c s que atinge a quantia de oitenta setas. — (R.).

A Grecia declara-se em guerra com a Russi

ATENAS, 30

O governo de Atenas envio ma extensa nota ao gover o dos «soviets» de Moscou a qual diz que, em virtud o tratado de aliança firma entre os «soviets» e o go no kemalista de Angor tra a Grecia, esta se de ra em estado de guerra m a Russia dos «soviets».

rande satisfação em Berlim por da aliança kemalista-bolchevista

PARIS, 30

a Berlim na grande satisfação pela jun , no Oriente, das forças de Mustapha emal e dos bolchevistas. Sublinha-se com muito agrado o que dahi pode advir de dificuldades para os aliados ou de produzir desacordos entre eles. Não é com este estado de espirito que se poderá chegar a uma «entente» franco-alemã, de que a Alemanha bastante necessita. A unica maneira dela se conseguir é o chanceler Wirth pro r a sua lealdade e a sua capacidade d pôr em execução a doutrina que expõe no esus discursos.—(R).

A população da Russia

decresce bastante desde 1914

LONDRES, 30.

Comunicam de Helsingfors que o no vo censo da população, feito por uma comissão especial do governo dos so viets, apresenta o numero de três mi lhões para a Russia actual. Este numero mostra um descrescimo importante em comparação com o censo de 1914 para a mesma região da Russia actual. — (R.).

A ELOQUENCIA DOS NUMEROS

A produção de carvão na Inglaterra e nos Estados Unidos

Inglaterra: 229 milhões de toneladas, na proporção de 193 por homem E. Unidos: 678 milhões de toneladas, na proporção de 889 por homem

As divergencias dos aliados na Alta Silesia, como no Oriente, provêm dos interesses diferentes que cada um deles tirará, conforme a solução dada aos problemas.

Assim como na guerra do Oriente, a Inglaterra procura obter a soberania dos Estreitos e do Mediterraneo, emquanto á França e á Italia tal soberania unica iria diminuir a propria, assim na Alta Silesia a questão não é apenas de saber se á Alemanha ou á Polonia serão atribuidas as ricas regiões industriais e mineiras.

Segundo uma ou outra solução, a Inglaterra ou a França tirarão daí mais proveitos; por isso lutam teimosamente.

A luta, sobretudo por parte da Inglaterra, é a natural defesa contra a depressão produtora, que se agrava todos os anos e que a greve actual tornará ainda mais critica.

A Inglaterra, que durante muitissimos anos foi a nação que exportava mais carvão, vê-se hoje em circunstancias de o não poder continuar a fazer e talvez mesmo de ver o carvão estrangeiro fazer-lhe concorrencia no mercado interno.

Basta lembrar a oferta alemã, quando estalou a greve, de pôr nos portos ingleses carvão mais barato que o produzido nas minas inglesas.

Não pode competir com os Estados Unidos. Comparando as cifras estatisticas, temos que, em Inglaterra, 229 milhões de toneladas são produzidas por 1.185:000 homens, ou sejam 193 toneladas por homem; ao passo que a America produz 678.711:000 toneladas, na proporção de 889 toneladas anuais por homem.

Esta diferença provem de circunstancias naturais e sociais.

Quanto ás condições sociais todos conhecem as perturbações da classe mineira inglesa, o papel desempenhado pelas associações, a depressão moral que reina no meio operario de quasi toda a Europa que determina a menor produção possivel, por este entender que uma das formas de trabalhar pelo socialismo e mesmo o fim do socialismo é acabar com o trabalho nas classes operarias.

Quanto ás condições naturais são elas de muito peso. Temos primeiro a considerar a expessura das camadas de hulha, maior sem comparação que as da Inglaterra; estas camadas estão nos Estados Unidos tão á superficie que a maior parte das vezes a extracção faz-se ao ar livre. As camadas nos Estados Unidos são horizontais e continuas, o que permite o maior aproveitamento com o menor trabalho, enquanto em Inglaterra são inclinadas em todos os sentidos, têm de permeio camadas de terra, e estão a enormes profundidades, sendo necessario cavar minas e abrir poços para a sua exploração.

O preço de produção é trez vezes maior que na America e, sendo em Março o custo da tonelada na produção de 39 shillings, era vendido por 32, sem contar nesta perda a amortisação de capital e juros.

Compreende-se pois quão natural é o esforço da Inglaterra que procura assegurar-se a materia prima indispensavel ás suas industrias: se a sua opinião prevalecer obter-se-ha em maior quantidade do que a França, sucedendo o contrario se esta conseguir que a sua vontade seja a executada.

DE INGLATERRA

A Conferencia Imperial Britanica

A fogueira da Europa — A aliança anglo-japonesa — O desarmamento naval — O problema do Pacifico

Na primeira sessão da Conferencia dos Domnions, Lloyd George expôs aos representantes das possessões os pontos de vista britanicos.

Nas sessões seguintes os representantes, agradecendo ao primeiro ministro inglês, sobretudo as palavras com que fez conhecer aos «Domnions» que a sua grande influencia na vitoria não era esquecida, mostraram-se bem impressionados com as disposições da Inglaterra manifestadas pelas reclamações coloniais.

Até agora porém apenas foram trocadas impressões muito gerais, ainda se não passou dos cumprimentos do estilo e todas as vezes que surgiu um ponto que poderia ser uma divergencia, o delegado disse que esperaria ocasião oportuna para o tratar.

Lloyd George cumprimentou os delegados e manifestou boa vontade; os delegados agradeceram, apresentaram opiniões sobre questões internacionais, mas do verdadeiro e mais importante fim da reunião, o determinar as relações do governo britanico com os Domnions, nem uma palavra.

Um assunto importantissimo de interesse mundial porque envolve as relações de tres das maiores potencias actuais e que interessa muito especialmente a Inglaterra, colocada entre dois fogos, é o que diz respeito á renovação da aliança anglo-japonesa.

Todos os delegados se ocuparam dele e todos se inclinam favoravelmente para a renovação da aliança, devendo, porem, atender-se aos interesses da America, que foi o agente determinante da vitoria e com quem a Inglaterra deve querer conservar as melhores relações.

O general Smutz, delegado da Africa do Sul, expôs mais claramente a opinião que todos manifestaram mais ou menos obscuramente: Ha interesses pendentes entre a Inglaterra, o Japão e a America. Nesta questão á Inglaterra, sem rivalidades com qualquer dos dois que têm interesses opostos e mesmo hostis, convem manter a paz entre as duas nações. Ha cincoenta anos que a America dá os primeiros passos para um entendimento com a Inglaterra e o Japão.

Aproveitando essa vontade e dando-lhe uma forma real, obter-se-hia uma paz duradoura.

A Europa é uma fogueira apagada que ainda levanta umas labaredasitas sem importancia. O grande problema a resolver nos proximos cincoenta anos é o do Pacifico. A' conferencia imperial pertence levar as potencias interessadas, a Gran-Bretanha, os Estados-Unidos, a China e o Japão a uma solução amigavel.

A confiança que se deve ter na Liga das Nações deve ser regulada pela que provou merecer a da Santa Aliança saida do congresso de Viena com o mesmo fim da Liga de hoje.

Acerca do desarmamento naval a opinião dominante é de que, além dos Estados Unidos, da Inglaterra e do Japão, tambem a França deverá ser convidada a reduzir o numero das forças.

Vão ser tomadas reservas ácerca das notas a fornecer á imprensa

A VIDA NA ALEMANHA

O orçamento de 1921

49 BILIÕES DE MARCOS SÓ DE DESPESAS EXTRAORDINARIAS

Os insurrectos polacos já abandonaram o primeiro distrito da zona plebiscitaria

AUMENTA A PRODUÇÃO DO CARVÃO — OS DISTRITOS MINEIROS DA ALTA SILESIA

BERLIM, 30.

Numa importante sessão do «Reichstag», um representante do governo comunicou o plano do orçamento para 1921. As despesas extraordinarias de quarenta e nove biliões de marcos deverão ser cobertas por emprestimos. No orçamento ordinario há um «deficit» de quatro biliões e um quarto, a que é preciso acrescentar as anuidades firmes e outras despesas provenientes das reparações.

No dia 31 de Maio dêste ano a divida consolidada do «Reich» ascendia já a 78.345 milhões de marcos.

* * *

O general inglês Hennicker participou ao general Hoeffer que os insurrectos polacos já tinham abandonado o primeiro distrito da zona plebiscitaria. De acôrdo com o estipulado, o general Hoeffer ordenou tambem a retirada das tropas de protecção. Kerfanty notificou aos polacos a retirada em linguagem demagogica e insultuosa para com os alemães e prometeu que nos distritos abandonados seriam organizadas guardas civicas e prometendo que de acôrdo com as grandes potencias os distritos da zona plebiscitaria seriam em breve unidos á Polonia

* * *

O comitê carbonifero alemão declarou que a produção do carvão tem aumentado ultimamente, contudo, a convicção do mesmo comité é que o cumprimento das obrigações tomadas para com a comissão de reparações só será possivel se os distritos mineiros da Alta Silesia ficarem na totalidade na posse da Alemanha. — (R.).

Em caso de guerra

entre o Japão e os Estados Unidos

LONDRES, 30.

O tenente comendador Bellaivs preguntou na camara dos Comuns se o governo julgava conveniente notificar aos Estados Unidos, por via diplomatica, que em nenhuma circunstancia, no caso de uma renovação da aliança anglo-japonesa, receberia o Japão ajuda da Grã Bretanha, se aquele imperio entrasse em guerra.

O sr. Chamberlain respondeu que os Estados Unidos estão muito ao corrente da verdadeira situação e que não há necessidade de informar a America por via diplomatica. — (R.).

O problema irlandês

O governo britanico vai suspender as execuções capitais?

LONDRES, 30.

O jornal «Daily Sketch» julga saber que o governo britanico está decidido a suspender as execuções capitais, emquanto durarem as negociações de Lloyd George com os «leaders» da Irlanda.

Pensa-se tambem que os irlandeses do sul aceitariam actualmente a constituição da Irlanda como Dominio do Imperio e reconheceriam aos protestantes do norte completa liberdade e até um parlamento local. — (R.).

MUSICA

O ultimo concerto da Sociedade de Musica Portuguesa

Realizou-se na passada segunda feira, no Coliseu dos Recreios, em recita da moda, o anunciado concerto sinfonico organizado pela Associação dos Musicos Portugueses com um programa composto exclusivamente por obras do compositor português sr. Manuel Ribeiro.

Sem entrarmos em detalhes, a impressão que colhemos dessa audição foi excelente.

Manuel Ribeiro revelou-se-nos um artista cheio de talento, imaginação fecunda, espontaneidade e sentimentalismo,

Toda a sua musica é um conjunto de belezas que nos deleitam o espirito sem a mais leve sombra de fadiga.

O inspirado compositor possue o que o estudo só por si, por mais aturado e profundo que seja, nunca pode dar a inspiração.

Assim, por exemplo, são verdadeiros mimos os pequenos trechos do «Album Poetico», a «suite», «Scenas pesertas» e o «Minuette».

Na «Sinfonia Lusa», a par da linha melodica que conserva desde principio a fim, tem que se admirar o trabalho de instrumentação, que faz arrancar á orquestra originais efeitos.

A composição «Expressões de Portugal» é uma rapsodia de cantos algarvios, cheia de vida e brilhantismo.

O concerto de violino, que é tambem rico em melodia, foi executado com extrema correcção pelo sr. Floriano Rodrigues, professor da Escola Nacional de Musica, que se revelou um artista de largo futuro. Não lhe faltam nem technica, sonoridade, e boa expressão.

A todas as obras imprimiu a orquestra uma execução perfeita, demonstrando Manuel Ribeiro, na parte da regencia, possuir as faculdades de que necessita um bom director, Manuel Ribeiro, Flaviano Rodrigues, e todos os demais executantes receberam do publico fartas e prolongadas manifestações de aplauso.

A concorrencia diminutissima, o que é para lastmar, pois, além do prejuizo material que decerto causou ao cofre da Associação dos Musicos Portugueses, ainda lança o desanimo no meio dos que estudam e desejam apresentar-se.

E' preciso, entretanto, fazer sair o nosso publico da apatia de que se acha possuido por tudo o que diz respeito a belas artes, demonstrando-lhe que o progresso das artes representa sempre um avanço na civilização.

CURIA

GRAND HOTEL

Aberto desde 1 de Junho. Este sanatorio é a 2 metros do Balneario. Culinaria á francesa. Dirigido pelo seu proprietario

Afonso Rodrigues Costa

Banco Colonial Portuguez

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital Realisado: Esc. 10.000.000$00

Dividendo do 1.º semestre e 1921 por conta do exercicio do corrente ano

4 0/0 ou Esc. 4$00 por cada acção livre de impostos

O pagamento deste dividendo efectua-se todos os dias a começar em 1 de Julho proximo, das 10 ás 12 e das 13 1/2 ás 15 horas, excepto aos sabados, destinados ao pagamento de dividendos atrazados, em Lisboa na séde do Banco, e no Porto em casa dos nossos agentes srs. Pinto & Sotto-Mayor.

Pede-se aos Srs. Accionistas para relacionarem as acções nominativas, portador, e de coupon, respectivamente, em recibos separados.

Lisboa, 28 de Junho de 1921.

Pelo Banco Colonial Portuguez

OS DIRECTORES

(a) *José Francisco da Silva*
(a) *Henrique Ferreira*

Seale e Lucas

Importador e Exportador

19 Eastcheap EC3

LONDRES

Ultimas Noticias

DE INGLATERRA

A proxima conferencia de Dublin sobre a questão irlandesa

Uma carta de James Craig — Declarações de De Valera — A abertura do Parlamento Irlandês do Sul

(Serviço especial para o «Diario de Lisboa»)

LONDRES, 30.

Sir James Craig enviou uma carta a Lloyd George, que este homem publico leu na Camara dos Comuns, aceitando a conferencia sobre a questão da Irlanda. De Valera declarou que desejava uma paz sincera entre os dois povos, mas que isso não poderá conseguir sem o reconhecimento da unidade da Irlanda, e desta nação poder livremente resolver os seus destinos.

Entretanto, De Valera solicitou urgentemente a Sir James Craig, Lord Midleton e a outros individuos altamente colocados na politica irlandesa, para se encontrarem com ele numa conferencia em Dublin.

Na abertura do parlamento irlandês do sul em Dublin, compareceram apenas quinze dos sessenta e quatro senadores eleitos, e unicamente quatro dos cento e vinte oito deputados eleitos. O parlamento foi adiado para 13 de Julho.—(U. P.)

DOS ESTADOS UNIDOS

As moções Knox e Porter

O estado de guerra com a Alemanha e com a Austria

NEW YORK, 30.—Os senadores e deputados republicanos resolveram concordar com as moções Knox e Porter, declarando imediatamente terminado o estado de guerra com a Alemanha e com a Austria.—(M. P.)

A conferencia comercial

LONDRES, 30 — Na conferencia comercial que se está realisando, os delegados ingleses e americanos preconisaram a gradual modificação da circulação monetaria actual, voltando-se para o padrão ouro.—(U. P.)

Um subsidio aos mineiros

LONDRES, 30 — Amanhã, será apresentado o parlamento, esperando-se a sua imediata aprovação, o projecto que concede o subsidio de dez milhões de libras aos mineiros.—(U. P.)

A exploração antartica

LONDRES, 30—Sir Shakleten partirá em agosto para uma nova viagem de exploração antartica, na qual percorrerá trinta mil milhas no Atlantico e no Pacifico, e nos mares desconhecidos do polo sul.—(U. P.)

Os serviços ferro-viarios

LONDRES, 30—Os ferro viarios esperam retomar os seus serviços imediatamente. A normalisação dele far-se-ha com rapidez.—(U. P.)

Contra as bebidas alcoolicas

Diminue o consumo do vinho, mas aumenta o vicio do jogo e a imoralidade

NEW YORK, 30.

Na conferencia anual das associações médicas da America, o dr. Wallace Fritz declarou que a proibição da venda de bebidas alcoolicas ao publico tinha dado como resultado um aumento do vicio do jogo e o aumento de imoralidade, e alem disso variadas doenças produzidas pela absorção de bebidas fabricadas secretamente para os que têm o vicio de beber.

A camara dos deputados publicou uma medida legislativa proibindo que os médicos receitem cerveja como remedio. — (R.).

Os que morrem

A mãe de lord Churchill

LONDRES, 30.

Lady Randolph Churchill, mãe do ministro Winsten Churchill, morreu ontem de repente. — (R.).

Sir Sholaughon

LONDRES, 30.

Sir Ghelaughon, antigo presidente da North Western Railway Company, morreu, depois de prolongado sofrimento.—(R.).

Será desta vez?

O govêrno fará sair dos "hangars" os carros electricos dentro de 48 horas

Consta-nos que o governo resolveu hoje, em conselho de ministros, tomar medidas energicas e rapidas para o restabelecimento da circulação dos carros electricos dentro de dois dias.

Só o fará, no emtanto, se as entidades em litigio não chegarem a um acordo imediato.

LENHAS

Cortadas para fogão e postas á porta do comprador

Cêpa, azinho e sobro, secos a 100$00 tonelada. Pinho a 90$00 a tonelada. Pesos garantido.

Rua da Junqueira, 200

Telefone C. 1892

Serração e estancia de Madeiras

Executam-se com rapidez e perfeição todos os trabalhos para Carpintaria e Marcenaria

Venda de Madeiras aos mais baixos preços

RUA DA JUNQUEIRA, 200

C. B. ANÃO L.DA

Bolsa de Lisboa

Dia 30

EFECTUADO

Ass. tit.	Nda Interna Fundada 100$00	43.90
» »	50$00	—
» »	100$00	—
Coup. t	it. 1.000$00	
»	» 500$00	—
»	» 100$00	—
Obri	ações do Emprestimo de:	
3 0/0 1		—
4 0/0 1		19$00
4 0/0 1	ass.	48$50
4 1/2 1	89 ass.	55$00
4 1/2 1	9 comp.	55$00
5 0/0 1	9 comp.	70$00
4 1/2 1	2 ouro	—
5 0/0	7	67$50
3 0/0	ernas 1.ª série	146$00
3 0/0	» 2.ª »	—
3 0/0	» 3.ª »	
	Acções	
Banc	olonial Portuguez. (port.	142.60
	cop.	—
»	omercial de Lisboa	257.
»	conomia Portugueza	—
	Nacional Ultramarina (ass.)	—
	» » (coup.)	222.50
	isboa & Açores	277.
	ortugal	390.
	inho	—
	ortuguês e Brasileiro	125.
C.	e Credito P. Portuguez	36.
I	Tejo e Sado	—
(	avegação	116.
(	(coup.)	—
(	cos Port. (coup.)	—
I	3 e Colonial	103.90
		7.70
	Principe	179.
	dique	—
	a	—
	hia do Boror	72.
	Obrigações	
	d'Africa	109.50
B	sia, titulo 1	—
B	ila, titulo 5	148.
C	hia Nacional, 1.ª sér. coupon.	—
C	mia Nacional, 2.º sér. coupon.	—
	ndos Federais do Brasil	
E	stimo 5 %, 1914, Publico	—
E	restimo 5 %, 1903, Rio	—
	Companhia de Gaz	
	tor	205
	de	—
	Previdente	—
	es	—
	us	—
	ial	—
	dos Proprietarios	—
		—

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	31$00	35$00
s/Londres cheque	8 3/8	8 1/8
» 90 d. v.	8 5/8	—
Rio s/Londres	6 13/16	—
Paris	610	631
Italia	370	390
Belgica	610	630
Suissa	1280	1325
Espanha	995	1025
Berlim	100	110
Holanda	2510	2590
Nova York	7640	7880
Rio Brasil	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	6 0/0	—
» » » Portugal	7 0/0	—
Agio do ouro	500	700

COT. ESTRANGEIRAS

Madrid s/Paris		—
» » s/Londres		—
» » s/New-York		—
» » s/Berlim		—
acis s/Londres		46,64
» » s/Madrid		162
» » s/Genebra		209,50
» » s/Berlim		16,75
Londres s/Paris		46.65
» s/Roma		76,
» s/New-York		375 1/2
» s/Berlim		276,1/2
» Amsterdam		1137, 1/2
» s/Genebra		22,30

Espect

S. CARLOS—A's 21,30—«
NACIONAL—A's 21,15—«
POLITEAMA—A's 21,30—«
GIMNASIO—A's 21,30—«A Ga
AVENIDA—A's 21,30—«O coraç
APOLO—A's 21,30—«Porto, tautos
COLISEU DOS RECREIOS—A's 2
Campeonato internacional de luta.

SALÃO FOZ—A's 20,30 e 22,30—«Trólaró
CHIADO TERRASSE—A's 9—**Maria** del M. M. guerite Deslier e Raoul **Blondel** «Velha G.
TEATRO GIL VICENTE (á Graça)—Aos dom. segundas e quintas-feiras «A Rosa do jardim».
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
SALÃO CENTRAL—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALÃO IDEAL—Animatografo.

TIJOLO

Vende aos mais baixos preços do mercado

C. B. ANÃO L.DA

Rua da Junqueira, 200